

REVISTA DA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

SITIENTIBUS

ESTUDOS DA TRADUÇÃO

ARTIGO

O VOCABULÁRIO NORDESTINO TRADUZIDO AO ESPANHOL NO ROMANCE *VIDAS SECAS****NORTHEASTERN VOCABULARY TRANSLATED INTO SPANISH IN THE NOVEL *VIDAS SECAS****

AISLAN DOS SANTOS AQUINO

Mestre em Estudos Linguísticos. Graduado em Licenciatura em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual de Feira de Santana
E-mail: aislanmariano@gmail.com

PATRÍCIO NUNES BARREIROS

Doutor em Letras e Linguística. Professor da Universidade Estadual de Feira de Santana (DLA/UEFS). Bolsista de produtividade do CNPq
E-mail: patricio@uefs.br**RESUMO**

Este artigo busca refletir sobre o léxico da região Nordeste do Brasil e destacar a importância de desenvolver estudos que investiguem suas especificidades e influências culturais. O trabalho apresenta referências que relacionam léxico e cultura, traçando um panorama do surgimento do português brasileiro e focando na contribuição única da região Nordeste para essa variante linguística. O objetivo é evidenciar como o léxico nordestino é diversificado, abarcando influências internas e externas, e como seu estudo é essencial para compreender a variação regional do português brasileiro e suas nuances culturais. Para aprofundar essa temática, o artigo utiliza dados e reflexões oriundos da pesquisa de mestrado intitulada *Estudo dos Marcadores Culturais na tradução para o espanhol do romance Vidas Secas, de Graciliano Ramos*. Esta dissertação investigou a tradução de elementos léxicos do Nordeste em obras literárias, evidenciando que a literatura é uma rica fonte para a análise e preservação do léxico regional. Ao explorar os Marcadores Culturais presentes em *Vidas Secas*, a pesquisa contribuiu para o entendimento das escolhas tradutórias que impactam a preservação ou adaptação da identidade cultural no texto traduzido. Essa análise mostra como os estudos de tradução podem atuar como mediadores entre culturas, promovendo um entendimento mais aprofundado do léxico nordestino e sua representação em outras línguas e contextos.

Palavras-chave: Português brasileiro. Léxico nordestino. Marcadores culturais. Tradução literária. *Vidas Secas*.

ABSTRACT

This article seeks to reflect on the lexicon of the Northeast region of Brazil and highlight the importance of developing studies that investigate its specificities and cultural influences. The work presents references that relate lexicon and culture, outlining an overview of the emergence of Brazilian Portuguese and focusing on the unique contribution of the Northeast region to this linguistic variant. The objective is to highlight how the Northeastern lexicon is diverse, encompassing internal and external influences, and how its study is essential to understanding the regional variation of Brazilian Portuguese and its cultural nuances. To deepen this theme, the article uses data and reflections from the master's research entitled *Study of Cultural Markers in the Spanish translation of the novel Vidas Secas, by Graciliano Ramos*. This dissertation investigated the translation of lexical elements from the Northeast into literary works, showing that literature is a rich source for the analysis and preservation of the regional lexicon. By exploring the Cultural Markers present in *Vidas Secas*, the research contributed to the understanding of the translation choices that impact the preservation or adaptation of cultural identity in the translated text. This analysis shows how translation studies can act as mediators between cultures, promoting a deeper understanding of the Northeastern lexicon and its representation in other languages and contexts.

Keywords: Brazilian Portuguese. Northeastern lexicon. Cultural markers. Literary translation. *Vidas Secas*.



1 INTRODUÇÃO

O Brasil, com sua vasta extensão territorial e sua rica diversidade cultural, destaca-se por abrigar uma multiplicidade de expressões que variam de acordo com as diferentes regiões do país. Cada uma dessas regiões possui características singulares, evidenciadas não apenas em aspectos históricos, sociais e culturais, mas também no uso da linguagem e no léxico, que refletem modos de vida, saberes locais e relações com o espaço geográfico.

A região Nordeste, uma das maiores e mais significativas do Brasil, ocupa um lugar central na história e na formação cultural do país. Considerada o berço da nação, foi a primeira área colonizada pelos portugueses, que ali estabeleceram as bases iniciais do processo de colonização. Essa região é marcada por contrastes sociais profundos e por uma diversidade cultural que se manifesta em várias dimensões, incluindo o léxico, elemento essencial para compreender as dinâmicas socioculturais e identitárias locais.

O léxico, como apontado por Sá (2011, p. 244), é um reflexo direto das características de uma comunidade linguística: “Ao se estudar o léxico de uma dada comunidade, logo vêm à tona as semelhanças e contrastes linguísticos que essa comunidade possui em relação a outras, seja no âmbito diestrático, seja no diatópico.” A investigação do léxico pode ser conduzida por campos como a Sociolinguística e a Dialetoлогия, que oferecem perspectivas complementares sobre as variações linguísticas e culturais. No presente estudo, o enfoque recai sobre a Sociolinguística, especialmente na relação entre léxico e cultura, com ênfase nos estudos do léxico nordestino como expressão identitária e cultural.

Este artigo tem como objetivo principal demonstrar a relevância do estudo do léxico nordestino para a compreensão das interações entre língua, cultura e identidade. Para isso, aborda-se a relação entre o léxico e a cultura, com uma breve contextualização histórica sobre a formação do português brasileiro, especialmente no Nordeste. Além disso, será apresentada uma amostra dos resultados de uma pesquisa realizada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

A pesquisa em questão, intitulada *Estudo dos Marcadores Culturais na Tradução para o Espanhol do Romance Vidas Secas, de Graciliano Ramos*, foi desenvolvida pelo autor deste artigo, sob orientação do Prof. Dr. Patrício Nunes Barreiros, com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). O estudo investigou o léxico nordestino presente na obra de Graciliano Ramos e sua tradução para o espanhol, revelando como a literatura pode se tornar uma ferramenta valiosa para a análise linguística e cultural. Por meio desse recorte, busca-se evidenciar o papel central do léxico como marcador cultural, especialmente em contextos de tradução, onde se

destacam os desafios e as possibilidades de preservação e transmissão de especificidades culturais regionais.

O presente trabalho contribui para ampliar o debate sobre o léxico como elemento-chave na construção e representação de identidades regionais. Além disso, reforça a importância de abordagens interdisciplinares que integrem estudos literários, sociolinguísticos e culturais para compreender a complexidade do português brasileiro, com destaque para o Nordeste, como espaço privilegiado de investigação.

2 LÉXICO E CULTURA

O léxico pode ser definido como o conjunto de palavras e expressões que compõem o vocabulário de uma língua, funcionando como um repositório dinâmico que reflete e organiza o saber linguístico de uma sociedade. Esse conjunto não se limita apenas aos significados originais das palavras, mas abrange também os sentidos adquiridos em diferentes contextos sociais, culturais, ideológicos e emocionais. Assim, o léxico não apenas caracteriza o ambiente em que é utilizado, mas também desempenha um papel fundamental na construção e na preservação da identidade cultural, adaptando-se às transformações históricas e sociais que influenciam o uso da língua.

A definição de cultura é um desafio intrínseco à sua própria complexidade, variando de acordo com as perspectivas teóricas e o arcabouço de conhecimento sobre o tema. De maneira abrangente, pode-se conceber a cultura como o conjunto de práticas, símbolos, valores e representações que moldam as formas de agir, comunicar, entreter-se, alimentar-se e interpretar o mundo em um determinado grupo social. Esses elementos, interligados, desempenham papel fundamental na construção e perpetuação da identidade cultural de um espaço ou comunidade.

Nesse contexto, a língua de um povo emerge como uma manifestação central da cultura, contendo unidades lexicais que carregam traços culturais dos indivíduos que a utilizam. Isso confere ao grupo social características únicas que se refletem na forma como interagem e compreendem o mundo ao seu redor. Conforme Seabra (2015, p. 73), “Considerando a dimensão social da língua, podemos ver, no léxico, o patrimônio cultural de uma comunidade.” Assim, o léxico não é apenas um repositório de palavras, mas um reflexo dinâmico e vivo da cultura, representando tanto as particularidades de um povo quanto sua história e visão de mundo.

Nos grupos em que atuamos ou naqueles com que interagimos, somos identificados também pela linguagem que usamos. É a forma de pronunciar as palavras; é a curva melódica de nossas entonações; são os tipos de combinações sintáticas que fazemos (a ordem das palavras na sequência da sentença) e outros muitos itens, que indicam nossa procedência,

que revelam “a casa” onde fazemos morada. Mas, entre tais itens, o repertório lexical que manejamos, as escolhas lexicais que fazem nossas preferências constituem ‘pistas’ claras de nosso pertencimento aos grupos onde tecemos nossa identidade. (Antunes, 2012, p. 46).

Embora a língua não seja a única representação cultural de uma sociedade, ela faz parte de um conjunto maior que inclui dança, comida, música, folclore, celebrações, entre outros aspectos. Ainda assim, o léxico é um dos mais fortes representantes desse grupo, pois, como afirma Antunes (2012), no trecho citado anteriormente, as escolhas lexicais revelam a identidade e o lugar de origem dos indivíduos. Essa perspectiva nos leva a entender que as palavras são mais que unidades de comunicação listadas em um dicionário; elas transcendem essa função ao se relacionarem com o contexto sociocultural, atuando como representações culturais de um grupo social. “As palavras têm a cor, o cheiro, o gosto da terra em que circulam, da casa em que habitam. O dicionário é apenas o espaço onde elas esperam que as apanhemos para levá-las até nossas moradas.” (Antunes, 2012, p. 47). Através das palavras, carregamos nossas raízes, nossos valores e nossa representatividade.

Assim, compreendendo a relação entre léxico e cultura, percebe-se que o léxico pode funcionar como um representante cultural de um grupo social. Contudo, é importante ter consciência de que a cultura de um lugar abrange muitos outros aspectos, e não apenas os lexicais utilizados pela comunidade.

3 LÉXICO NORDESTINO E A TRADUÇÃO DE SUAS LEXIAS

O léxico do Nordeste brasileiro é notavelmente rico e constitui um reflexo profundo da diversidade cultural que caracteriza a região. Esse vocabulário não apenas expressa os traços linguísticos, mas também carrega em si as histórias, tradições e dinâmicas sociais que moldaram a identidade do Nordeste ao longo dos séculos. A amplitude territorial da região contribui significativamente para a diversidade lexical, resultando em variações marcantes entre os diferentes estados e, muitas vezes, até mesmo entre cidades de uma mesma localidade.

Essas variações refletem a influência de múltiplos fatores, como as heranças indígenas, africanas e europeias, que interagiram ao longo da formação histórica do Nordeste. Além disso, aspectos geográficos, econômicos e socio-culturais locais também influenciam a criação e manutenção de termos específicos, muitas vezes intraduzíveis ou sem equivalentes diretos em outros contextos linguísticos. Palavras relacionadas à culinária, ao trabalho rural, às manifestações artísticas e religiosas e aos fenômenos naturais são exemplos de como o léxico nordestino encapsula as

particularidades de um modo de vida único e intrinsecamente conectado ao território e à cultura local.

Nesse sentido, antes de abordar o léxico da região Nordeste e discutir a tradução de suas unidades lexicais, é fundamental compreender a formação sociolinguística do português brasileiro, que está intrinsecamente ligada à história do Brasil — um país cuja origem se deu em meio à diversidade, como se observa no trecho a seguir:

É, por essa razão, que Houaiss afirma que o Brasil “nasce com a diversidade”, o que, certamente, acarretou, no processo de formação do PB, um “multilinguismo generalizado” para ser um país “multidialeto”, com “multilinguismo localizado”, para usarmos expressões de Mattos e Silva. Assim, cabe analisar a participação dos diferentes povos que contribuíram na formação do PB. (Araujo; Araujo, 2009, p. 97)

A formação do português brasileiro (PB) desenvolveu-se a partir do contato linguístico entre diferentes línguas. Esse processo teve início com a chegada dos colonizadores portugueses, que desembarcaram na região hoje conhecida como Porto Seguro, na Bahia. Ali ocorreu o primeiro contato linguístico e cultural, pois, ao chegarem, perceberam que o território já era habitado por povos indígenas com línguas e culturas distintas das de Portugal. Posteriormente, com a chegada dos povos africanos, o contato com as línguas trazidas pelos escravizados vindos da África trouxe uma contribuição significativa para a ampliação e desenvolvimento do português brasileiro. O Brasil foi um dos países que mais recebeu negros escravizados, tornando-se um dos maiores exploradores dessa prática e também um dos últimos a abolir a escravidão.

A respeito da contribuição indígena e africana na formação do português brasileiro, Araujo e Araujo (2009, p. 97) oferecem uma compreensão mais aprofundada através dos seguintes trechos:

[...] é sabido que esta foi muito presente nos primórdios da colonização portuguesa no Brasil, conforme se observa, dentre outras fontes, no Tratado Descritivo do Brasil, de Soares de Sousa, uma importante fonte de estudos sobre a colônia do século XVI. Essa presença indígena no Brasil colonial foi marcante, pois, dada a superioridade numérica dos indígenas, os portugueses tiveram de aprender a língua dos tupinambás, ocorrendo uma situação de bilinguismo. Porém, a partir do século XVII, o português se sobrepôs às línguas indígenas [...]. (Araujo; Araujo, 2009, p. 97).

Sobre a presença africana no Brasil:

[...] esta veio a ser mais definida e duradoura,

pois os africanos constituíram-se em mão de obra hábil, sem o pagamento de salários, possibilitando a realização do projeto agro-exportador europeu, visto que os indígenas apresentavam resistência ao trabalho escravo com o qual não estavam acostumados, como relata Staden. A isto podemos acrescentar as epidemias e a baixa produtividade, além do baixo lucro do tráfico interno, uma vez que o limitado e incipiente mercado interno não favoreciam a circulação de capital na colônia. Dessa forma, os africanos representaram um ótimo investimento. (Araujo; Araujo, 2009, p. 97).

Conforme Araujo e Araujo (2009, p. 98), “Não há precisão quanto ao ano em que os primeiros africanos foram trazidos para o Brasil, o que há como certo é que no ano de 1549 o tráfico negreiro foi oficializado.”. A partir daí o número de africanos e afrodescendentes, oriundos de diversas partes da África, começou a crescer chegando a superar o número de portugueses que viviam no país. Ainda segundo Araujo e Araujo (2009, p. 99) eles “[...]estiveram na base da pirâmide populacional brasileira, entre os séculos XVII e XIX, de modo que, a maneira como se desenvolveu a comunicação entre eles contribuiu de forma significativa para dar uma feição brasileira à língua portuguesa”.

3.1 LÉXICO NORDESTINO

A língua portuguesa chegou ao Brasil pela costa, hoje correspondente à região Nordeste. Os “[...] portugueses

entraram em contato com índios que habitavam o litoral do Brasil e que falavam línguas do tronco tupi [...]” (Araújo, 2017, p. 48). Conforme Sá (2011, p. 250), “Em meio à catequese jesuítica, eles preferiam usar o latim em vez de aprender a língua geral da costa [...] para melhor divulgar a fé cristã.” Mais tarde, o português foi oficializado como a língua de circulação da colônia, incorporando traços e elementos das línguas indígenas para facilitar a comunicação.”

No Nordeste, a língua foi adequada a novos hábitos fonéticos, recheando-se de termos de origem indígena e, mais adiante, de origem africana. Essa modalidade de língua transplantada foi mantida quase sem ser modificada, diferentemente do Sudeste, já que nela há grandes quantidades de falantes de outras línguas. (Sá, 2011, p. 250).

A convivência forçada entre negros escravizados, indígenas e portugueses resultou em significativas influências lexicais na formação do português brasileiro, especialmente na região Nordeste. A presença africana no Brasil foi particularmente marcante: as rotas de navios negreiros, como a *Rota da Mina* e a *Rota de Angola*, traziam escravizados de regiões específicas da África, que desembarcavam em sua maioria nos portos do Nordeste, como Recife e Salvador. A maior parte desses escravos vinha de Angola, e os dialetos que falavam contribuíram diretamente para o enriquecimento do léxico nordestino. Abaixo, apresentamos um quadro comparativo do uso lexical em Angola, Portugal e Brasil.

Quadro 1: Comparação do uso do léxico em Angola, Portugal e Brasil

ANGALO	PORTUGAL	BRASIL
Abacaxi	Ananás	A forma angolana é bem mais usada
Cacimba	Poço	Cacimba é mais usado no nordeste do Brasil
Chiunga	Pastilha elástica	Goma de mascar, chiclete (no nordeste do Brasil)
Fubá de bombo	-----	Fubá mandioca
Jinguba	Amendoim	Amendoim

Fonte: Elaborada por Lira (2009, p. 129-130), editado pelos autores.

No quadro acima, observam-se lexias usadas em Angola que são reproduzidas de modo literal no Brasil, sendo algumas reconhecidas e utilizadas especialmente por falantes nordestinos. Além disso, nota-se a presença de lexias derivadas do vocabulário angolano que, embora escritas de forma distinta no Brasil e em Portugal, referem-se ao mesmo produto.

O léxico nordestino é vasto e marcado principalmente por influências africanas e indígenas, consolidando-se como um grande representante da cultura do Nordeste brasileiro. Os estudos sobre esse léxico continuam a crescer, ampliando as discussões sobre a riqueza linguística da região.

Esse desenvolvimento significativo ocorre, por exemplo, por meio da elaboração de atlas linguísticos de diversas áreas do Nordeste, como o *Atlas Linguístico da Paraíba* (APFB), *Atlas Linguístico de Sergipe* I e II (ALS), *Atlas Linguístico do Piauí* (ALIPI), entre outros projetos de mapeamento e iniciativas de pesquisa.

Outra linha de estudo que pode contribuir para a análise do léxico nordestino são as pesquisas sobre Marcadores Culturais (MCs) presentes em obras literárias brasileiras que incorporam o vocabulário da região. Esse tipo de pesquisa pode auxiliar tanto no registro detalhado do léxico nordestino quanto na tradução de suas expressões para outros idiomas.

3.2 VIDAS SECAS: O LÉXICO NORDESTINO TRADUZIDO PARA O ESPANHOL

Vidas Secas é considerada a obra mais importante de Graciliano Ramos. Publicado em 1938, o romance traz como referência as memórias do autor sobre sua vivência no Nordeste. A narrativa acompanha Fabiano e sua família, obrigados a abandonar sua casa e viver como retirantes em busca de sustento em meio à seca na região. Graciliano expõe as dificuldades enfrentadas pelos nordestinos durante o Estado Novo, um período em que o Nordeste foi praticamente esquecido pelo governo brasileiro. A organização das palavras e a expressividade do léxico são elementos centrais na obra.

A seca, a cultura, a vida interiorana e as dinâmicas sociais contribuem para a riqueza lexical do texto, reforçada pela comunicação que emerge desses contextos, tornando a obra rica em expressões culturalmente marcadas.

Estudar o léxico nordestino permite identificar influências de outras línguas e compreender aspectos da formação do português brasileiro. Esse léxico é composto por unidades lexicais que carregam marcas capazes de caracterizar a cultura da região. Em obras literárias de cunho regionalista, como *Vidas Secas*, observa-se uma abundância de lexias que refletem os aspectos geográficos, históricos, sociais e culturais do Nordeste. No processo de tradução de uma obra como essa, os tradutores podem enfrentar desafios ao lidar com essas lexias, pois, devido às suas características singulares no contexto de uso, elas podem não ter equivalentes diretos em outros idiomas.

Desenvolver um estudo sobre o léxico nordestino é fundamental para compreender e divulgar essa variante da língua portuguesa no Brasil. As obras literárias desempenham um papel significativo nesse processo, pois, por meio delas, parte do léxico e da cultura da região pode ser difundida pelo país e pelo mundo. *Vidas Secas* é mencionada aqui justamente por ser uma obra que incorpora essas características de forma exemplar.

3.3 RESULTADOS DA PESQUISA

A 134ª edição em língua portuguesa de *Vidas Secas* (RAMOS, 2017[1938]) e a retradução realizada por Florencia Garramuño na Argentina, em 2001 (RAMOS, 2001[1938]), compõem o corpus paralelo da pesquisa, que analisou os Marcadores Culturais (MCs) – lexias culturalmente marcadas que se destacam ao se comparar diferentes realidades linguísticas e culturais. A pesquisa também examina a tradução desses MCs na obra vertida para o espanhol. Conforme aponta Validário (2008, p. 50), “Considerando as nuances de sentido trazidas pelos MCs, nota-se que eles refletem os registros linguísticos de um determinado povo no que tange à sua ideologia, costumes, culinária, religião, expressando seu modo de viver, pensar e agir.”

O estudo dos Marcadores Culturais (MCs) na tradução de *Vidas Secas* para o espanhol examina o tratamento dado às marcas culturais do léxico no texto fonte (português). O objetivo desta investigação não foi tecer críticas negativas à tradução ou à tradutora, mas sim, ao analisar a tradução dos MCs, contribuir para futuras traduções e refletir sobre o diálogo cultural inerente ao ato de traduzir. Esta dissertação integra o projeto *Estudo de Marcadores Culturais em Obras Literárias Brasileiras Traduzidas para a Língua Espanhola: Banco de Dados e Construção de um Dicionário Online Bílingue Brasileiro*, em desenvolvimento na Universidade Estadual de Feira de Santana. Esse projeto abrange também outras obras como *Os Sertões* (Euclides da Cunha), *Casa-Grande e Senzala* (Gilberto Freyre), *Gabriela, Cravo e Canela* e *Dona Flor e Seus Dois Maridos* (Jorge Amado) e *Macunaíma* (Mário de Andrade).

Nesta análise, buscou-se entender como a cultura do Nordeste brasileiro interage com outras realidades linguísticas e culturais através da literatura traduzida.

A tradução de obras literárias é fundamental para a difusão cultural, pois a literatura ganha forma por meio da linguagem e dos elementos lexicais que compõem a língua, com o tradutor assumindo o papel de mediador cultural entre a obra e os leitores.

Utilizando um corpus bilingue paralelo e a ferramenta WordSmith Tools, catalogamos 38 MCs presentes no texto fonte (português). A análise da retradução foi conduzida a partir do confronto dos MCs em português e espanhol. Com base nesse processo, foram identificadas as Modalidades de Tradução (Aubert, 2006b) e as abordagens de estrangeirização e domesticação propostas por Venuti (1995; 2019).

Na sequência, apresentamos uma tabela com 10 dos 38 MCs catalogados na pesquisa.

Quadro 2: Marcadores Culturais na obra *Vidas Secas*

Marcadores Culturais na obra <i>Vidas Secas</i>			
	Texto fonte (português)	Texto meta (espanhol)	Modalidade de tradução
01	Alpercata	Ojota	Equivalência
02	Alpercata	Sandalia	Literalidade
03	Angico	Ángico	Espelhamento
04	Bainha de faca	Funda del facón	Equivalência
05	Baraúna	Baraúna	Espelhamento
06	Binga	-----	Omissão
07	Binga	Eslabón	Equivalência
08	Cabra	<i>Cabra</i>	Espelhamento
09	Caititu	<i>Caititu</i>	Espelhamento
10	Quenga de coco	Escudilla de coco	Equivalência

Fonte: Elaborada pelos autores.

Segundo as Modalidades de Tradução adotadas como parâmetro nesta investigação, a tradução dos Marcadores Culturais (MCs) ocorreu principalmente por Equivalência – “[...] são aquelas em que a atuação, interferência e a coautoria do tradutor tornam-se mais visíveis.” (Aubert, 2006a), e Espelhamento – “[...] quando um determinado segmento do texto original recorre no texto traduzido, sem alterações ou com pequenas alterações gráficas e/ou morfossintáticas.”. (Aubert, 2006a). A tradutora Florencia Garamuño, ao realizar uma retradução da edição de Kordon (1910), justificou que a versão argentina original havia perdido lexias representativas da região Nordeste; dessa forma, a retradução buscou recuperar esses elementos.

Ao serem incorporados no texto traduzido, os MCs tratados pela Modalidade de Espelhamento preservaram seus sentidos originais na obra, permanecendo fiéis à cultura da língua-fonte. Entretanto, acredita-se que o uso de notas de rodapé ou glossários poderia facilitar uma compreensão mais profunda das questões culturais associadas a cada marcador.

Em contrapartida, ao transpor algumas lexias por literalidade e equivalência, foi observado que a essência e as nuances culturais de várias delas foram parcialmente perdidas, descaracterizando-se em certo grau. Conclui-se que a retradução, embora concebida para estrangeirizar o texto

de forma a preservar a identidade nordestina, acabou por incorporar também uma forte característica domesticadora. Isso não implica uma avaliação negativa da retradução argentina; pelo contrário, reflete que uma tradução ou retradução pode trilhar diferentes caminhos ao longo do processo.

O objetivo principal da pesquisa de mestrado foi levantar e analisar a tradução dos MCs. Realizou-se esse trabalho com rigor e dedicação, alcançando respostas significativas. Como um dos produtos finais, desenvolveu-se um glossário bilingue com as lexias encontradas e estudadas. Com base nas fichas lexicográficas preenchidas e organizadas ao longo da pesquisa, o glossário inclui verbetes em português e suas respectivas traduções para o espanhol, com abonações retiradas do corpus em português (Ramos, 2017 [1938]) e em espanhol (Ramos, G., 2008a), que comprovam as ocorrências na obra.

O glossário proporcionará aos leitores, tanto nativos quanto estrangeiros, uma compreensão mais profunda dos marcadores culturais presentes no enredo, além de oferecer uma ferramenta útil para tradutores de obras literárias regionais nordestinas. Atualmente, o glossário elaborado nesta pesquisa contém 22 verbetes, mas considera-se este apenas um ponto de partida. A obra ainda apresenta outros possíveis candidatos a marcadores culturais que, uma vez confirmados em estudos futuros, poderão ampliar o glossário.

Figura 1: Ilustração do glossário empreendido por Aquino (2022)

A a	
Alpercata	Ojotas/Sandalia
S.f. - N.E. Alpercata rústica, presa ao pé por tiras de couro. 1. “Chape-chape. Os três pares de alpercatas batiam na lama rachada, seca e branca por cima, preta e mole por baixo.” (RAMOS, 2017 [1938], p.18)	S.f. Ojotas: Calzado que, a manera de sandalia, hecho de cuero o de filamento vegetal, que usaban los indios del Perú e de Chile, y que todavía usan los campesinos de algunas regiones de América del Sur • Sandalia: Calzado compuesto de una suela que se asegura con correas o cinta. 2. “Chap-chap. Los tres pares de ojotas golpeaban el barro resquebrajado, seco y blanquecino por arriba; negro y blando por debajo.” (RAMOS, G., 2008a, p.39) 3. “La orden se cumplió y Fabiano tomó la medida de la sandalia: hizo un trazo con la punta del facón atrás del talón, otro adelante del dedo gordo.” (RAMOS, G., 2008a, p.69)

Fonte: Elaborada pelos autores.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação entre léxico, cultura e sociedade emerge como um eixo central para a compreensão das dinâmicas identitárias e culturais de um grupo social. Este estudo destacou a riqueza do léxico nordestino, revelando-o como uma representação viva da história, das práticas sociais e das interações culturais que moldaram a região Nordeste do Brasil. Analisar as marcas culturais presentes nesse léxico

nos permite perceber não apenas a diversidade interna da língua portuguesa em sua variante brasileira, mas também as influências externas que enriqueceram e consolidaram sua identidade ao longo dos séculos.

Com base na investigação conduzida sobre a tradução da obra *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, foi possível observar como a literatura regionalista constitui uma fonte rica para a identificação e preservação de unidades lexicais que refletem as características culturais de uma região.

Os marcadores culturais (MCs) analisados demonstram que a escolha tradutória de termos culturalmente marcados desempenha um papel decisivo na manutenção ou na diluição da identidade cultural no texto traduzido. A retradução da obra para o espanhol, realizada por Florencia Garramuño, exemplifica os desafios enfrentados pelo tradutor ao equilibrar estratégias de estrangeirização e domesticação. Enquanto o espelhamento preserva elementos culturais do texto-fonte, outras abordagens, como a equivalência ou a literalidade, podem comprometer nuances culturais importantes, ainda que busquem facilitar a compreensão por parte do leitor da língua de chegada.

A pesquisa catalogou 38 marcadores culturais e elaborou um glossário bilíngue inicial, que inclui 22 verbetes traduzidos, exemplificados com ocorrências retiradas do *corpus* em português e espanhol. Este glossário não apenas fornece uma ferramenta prática para tradutores e estudiosos da área, mas também contribui para a preservação e divulgação do léxico nordestino em contextos internacionais. A inclusão de exemplos como “alpercata” (traduzido como “ojota” ou “sandália”) e “quenga de coco” (traduzido como “escudilla de coco”) evidencia o papel da tradução como ponte cultural, ainda que esse processo exija decisões complexas e, por vezes, compromissos em relação à fidelidade cultural e ao entendimento do público-alvo.

Ademais, os resultados revelaram que as escolhas tradutórias podem tanto reforçar quanto diluir a identidade cultural presente no texto-fonte. Estratégias como o uso de notas de rodapé ou glossários mais detalhados poderiam oferecer maior profundidade cultural aos leitores de outros idiomas, destacando a complexidade e a riqueza do léxico nordestino. Isso reforça o papel do tradutor como mediador cultural, cujas escolhas impactam diretamente a forma como a cultura do Nordeste é percebida fora do Brasil.

Espera-se que este trabalho inspire o desenvolvimento de novos estudos sobre tradução, léxico e cultura, bem como o aprofundamento das discussões sobre a preservação da identidade cultural em obras traduzidas. Na Universidade Estadual de Feira de Santana, o grupo de pesquisa vem consolidando sua contribuição ao campo, promovendo debates relevantes nos programas de graduação e pós-graduação. O impacto dessas iniciativas estende-se para além dos limites acadêmicos, reforçando a importância de valorizar a diversidade cultural brasileira e de promover sua inserção em contextos globais.

Por fim, ao explorar o léxico nordestino como um reflexo das práticas culturais e históricas de uma região, reafirmamos que compreender o léxico é também compreender a essência de um povo. Palavras são portadoras de memórias, de identidades e de histórias que não podem ser negligenciadas ou apagadas. Assim, estudos como este representam um passo significativo para a preservação da memória cultural e linguística do Brasil, ao mesmo tempo em que abrem caminhos para diálogos interculturais mais profundos e significativos.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. O léxico de uma língua. In: ANTUNES, Irandé. O território das palavras: Estudo do léxico em sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. Cap. 2, p.27-49.
- AQUINO, Aislan dos Santos. Estudos dos Marcadores Culturais na tradução para o espanhol do romance *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana-BA, p 145, 2022.
- ARAUJO, Silvana S. de Farias; ARAUJO, Jean Marcel de Oliveira. A formação sócio histórica do português do Brasil: Contribuições do recôncavo baiano. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Difusão da língua portuguesa, no 39, p. 95-116, 2009.
- ARAÚJO, Silvana Silva de Farias. O português popular do semiárido baiano: Fundamentos teóricos, sócio históricos e empíricos. Estudos sobre o Português do Nordeste: língua, lugar e sociedade: Editora Blucher, 2017. p. 45-72.
- AUBERT, F.H. Em busca das refrações na literatura brasileira traduzida – revendo a ferramenta de análise. Literatura e Sociedade. São Paulo, n 9, p. 60-69 2006a.
- AUBERT, Francis Henrik. Indagações acerca dos marcadores culturais na tradução. Revista de estudos orientais, São Paulo, n. 5, p. 23-36, 2006b.
- LIRA, Wellington Marinho de. A contribuição de línguas africanas na formação socio cultural do nordeste do brasil. Contextos, estudios de humanidades y ciencias sociales, n. 21, 2009. p. 127-135. 12
- RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. 1. ed. Tradução de Florencia Garramuño. Buenos Aires: Corregidor, 2008. 176p. (Vereda Brasil)
- RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. 134. ed. Rio de Janeiro: Record, 2017. 175p.
- SÁ, Edmilson José de Sá. O léxico na região Nordeste: questões diatópicas. ReVEL, v. 9, n. 17, 2011.
- SEABRA, Maria C. T. C. de. Língua, cultura, léxico. In: SOBRAL, Gilberto N. T. et al. Linguagem, Sociedade e Discurso. São Paulo: Blucher, 2015. Cap. 4, p. 65-84.
- VALIDÓRIO, Valéria Cristiane. Investigando o uso de marcadores culturais presentes em quatro obras amadeanas, traduzidas para o inglês. 2008. 306 f. Tese (doutorado) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2008.